Dia 10 — Santa Escolástica, Virgem

Santa Escolástica, irmã de São Bento, nasceu no território de Núrsia, no ducado de Espoleto, na Úmbria, de uma das casas mais nobres da Itália. Tanto ela como seu santo irmão foram recebidos como uma espécie de milagroso dom com que o céu presenteava o mundo cristão; pois, tendo vivido seus pais muitos anos no matrimônio sem ter filhos, por fim alcançaram, com suas orações e esmolas, estes dois grandes modelos da perfeição religiosa.

Criaram Escolástica com todo aquele desvelo que se podia esperar de uma mãe tão piedosa como a condessa de Núrsia. Persuadida esta virtuosíssima senhora de que as primeiras impressões que se dão aos meninos influem muito no restante de sua vida, aplicou-se principalmente a inspirar desde logo em sua terna filha aqueles grandes ditames de religião, aquele grande menosprezo de todas as vaidades, aquela grande estima das máximas do Evangelho, em cujo exercício achou unicamente todo o seu gosto e todas as suas delícias.

As santas inclinações de Escolástica, sua devoção antecipada, sua docilidade e sua modéstia fizeram conhecer logo a sua mãe que o céu lha havia emprestado não mais que como em depósito e que certamente o Senhor a tinha escolhida para esposa sua.

Com efeito, declarando-se desde logo inimiga daqueles entretenimentos pueris e daquelas ligeiras diversões que quase nascem com os meninos, não havia para Escolástica outro entretenimento de maior gosto que fazer oração a Deus e ouvir com suma docilidade as prudentes e salutares instruções de sua virtuosa mãe.

Era tida por uma das jovens mais formosas de seu tempo. Sua qualidade e os ricos bens que havia herdado com o retiro de seu irmão e com a morte de seus pais fizeram que fosse pretendida pelos maiores senhores de toda a Itália; mas muito antes havia renunciado às mais lisonjeiras esperanças do mundo, consagrando-se a Deus desde sua infância com voto de perpétua castidade.

Não obstante ser de um gênio vivo, espirituoso e brilhante, de um natural doce e amigo de comprazer, de um ar garboso, desembaraçado, capaz de arrebatar as admirações e os aplausos, toda a sua inclinação era o retiro. Para ela não tinham as galas particular atrativo; olhava-as com indiferença e até com desprezo. Havia-se-lhe impresso fortemente na alma a importante lição que muitas vezes lhe repetia sua boa mãe, a saber, que os adornos postiços, por ricos, por brilhantes que fossem, não eram capazes de dar um grau de mérito; que o maior e mais apreciável elogio de uma donzela era poder-se dizer dela com verdade que era modesta e piedosa.

Nascida com tão belas disposições para a virtude, criada com máximas tão cristãs e nutrida nos mais santos exercícios da caridade e da devoção, fazia Escolástica maravilhosos progressos no caminho do céu, sendo no mundo o exemplo e a admiração das mais santas donzelas, quando se soube na família o partido que havia abraçado São Bento e as maravilhas que já se contavam dele em toda a Igreja universal.

A ninguém edificou mais, nem moveu tanto a generosa resolução de seu irmão como a nossa piedosíssima Escolástica, que, depois da morte de seus pais, vivia ainda com maior recolhimento no retiro de sua casa. Considerando que a perfeição evangélica que professava São Bento igualmente se propunha a todos os cristãos e que não era ela menos interessada que ele em trabalhar eficazmente no importante negócio de sua eterna salvação e em tomar todas as medidas para ser uma grande santa, distribuiu seus bens entre os pobres e, acompanhada unicamente de uma criada de sua confiança, partiu em segredo em busca de seu irmão.

Havia alguns anos que São Bento, deixando o deserto de Subiaco, depois de lançar por terra os ídolos e abolir o paganismo no monte Cassino, havia fundado aquele célebre mosteiro, que foi como o berço da vida monástica no Ocidente e como o seminário daquele prodigioso número de santos que povoam o céu e fazem tanta honra à Igreja.

Tendo notícia São Bento de que já estava perto sua santa irmã, saiu da cela; e, temendo que ultrapassasse os limites que havia assinalado, fora dos quais não havia permissão para entrar mulher alguma, de qualquer condição que fosse, adiantou-se a recebê-la acompanhado de alguns monges e falou-lhe fora da clausura.

Fácil é imaginar qual seria a primeira conversação daquelas duas santas almas, prevenidas desde o berço com as mais doces bênçãos do céu e abrasadas ambas com o fogo do divino amor. São Bento confiou a sua irmã parte das graças e das maravilhas com que Deus o havia favorecido; e Escolástica correspondeu a São Bento declarando-lhe os extraordinários favores com que o Senhor a havia cumulado.

Enquanto os dois santos irmãos se estavam docemente entretendo com as misericórdias que haviam recebido do Senhor, é fama que se viram coroados de uma luz resplandecente e que se sentiram penetrados de uma graça interior, que obrou grandes coisas em suas almas, dando-lhes a conhecer os intentos da divina Providência, que destinava a um e a outro para que trabalhassem sem intermissão na salvação e na perfeição das pessoas que determinava confiar a seu cuidado. Durante estas celestiais operações, declarou Santa Escolástica a seu irmão o ânimo que tinha de passar o restante de sua vida numa solidão não distante da sua, suplicando-lhe que quisesse ser seu pai espiritual e prescrever-lhe as regras que havia de observar para o governo e aproveitamento de sua alma.

Consentiu nisso São Bento, porque já o céu lhe havia revelado a vocação de sua irmã; e, tendo feito fabricar uma cela não longe do mosteiro para ela e para sua criada, deu-lhes pouco mais ou menos as mesmas regras que havia disposto para seus monges.

A fama da eminente santidade desta nova fundadora atraiu desde logo grande número de donzelas que, entregando-se a seu governo e ao de São Bento, se obrigaram como ela a guardar a mesma

regra.

Pode-se fazer juízo do que foram a solidão, o fervor e a austera vida desta ilustre colônia de esposas de Jesus Cristo pelo prodigioso número de grandes santas que deu ao céu este admirável instituto, sendo Santa Escolástica e suas companheiras os primeiros modelos que tiveram na terra.

Ocupadas unicamente no cuidado de agradar a Deus, esqueceram bem depressa até a memória das criaturas. Seu ordinário exercício de dia e de noite era a oração; o silêncio era perpétuo, o jejum pouco interrompido; cela, móveis, comida e vestido, tudo respirava pobreza evangélica e penitência.

Tal foi o nascimento e a origem daquela ordem tão célebre e ditosamente estendida que chegou a contar até catorze mil mosteiros de virgens repartidos por todo o Ocidente, nos quais se tem visto com admiração tantas ilustres princesas vir sepultar na obscuridade de um véu os mais brilhantes esplendores do mundo, onde se veem cada dia tantas ilustres donzelas tão distinguidas por seu elevado nascimento e pelo conjunto de suas singulares prendas que, a exemplo de Santa Escolástica, preferem a cruz de Jesus Cristo ao lustre e fausto mundano mais lisonjeiro e aos gostos mais tentadores da vida.

Tendo recebido Santa Escolástica as regras de vida que lhe deu seu irmão São Bento, todo o seu pensamento e toda a sua ocupação daí em diante foi dar todo o preenchimento à alta ideia de perfeição a que era chamada. Embora sua vida até então houvesse sido austera e penitente, dobrou seus rigores; mal interrompia jamais o recolhimento interior, e sua oração era contínua. A terna devoção que desde o berço havia professado sempre à Rainha das virgens cresceu ao sumo, achando novo alento na doce confiança com esta amabilíssima Mãe, acendendo-se com tanta veemência o fogo do amor de Deus que mal podia conter os divinos ardores que a abrasavam.

Nunca fez voto de clausura e, com tudo isso, guardou-a sempre com a maior estreiteza. Só se reservou o direito de ir uma vez por ano visitar São Bento, assim para dar-lhe conta de sua comunidade e de sua conduta particular, como para receber suas ordens e aproveitar-se de seus conselhos. Não queria permitir São Bento que chegasse até seu mosteiro e assim ele mesmo saía a recebê-la, acompanhado de algum monge, a um sítio pertencente ao mesmo mosteiro e não distante dele. Ali concorriam os dois santos como dois cidadãos do céu, forasteiros da terra, entretendo-se unicamente nas coisas divinas e ajudando-se reciprocamente a aperfeiçoar-se nos caminhos do Senhor.

Noticiosa nossa santa, segundo todos os sinais, do dia de sua morte, veio fazer sua última visita anual a seu santo irmão. Depois de ter cantado os salmos e de ter conversado, como o costumavam, sobre várias matérias de piedade, queria despedir-se São Bento para voltar ao mosteiro; mas a santa lhe rogou que lhe fizesse o gosto de deter-se até o dia seguinte, para lograr o consolo de falar mais devagar sobre a bem-aventurança da vida eterna. Negou-lho Bento resolutamente; e então, baixando um pouco a cabeça nossa Escolástica e apoiando-a sobre as mãos, recolheu-se interiormente fazendo uma breve oração. Apenas a acabou, o ar, que estava claro, sereno e desanuviado, turvou-se de repente. Forjou-se uma tempestade de relâmpagos e trovões, acompanhados de uma chuva tão copiosa que não foi possível nem a Bento nem aos monges que o acompanhavam sair para voltar ao mosteiro. Queixou-se o santo amorosamente a

sua irmã; mas ela soube muito bem valer-se do que fazia o céu para sua justificação. São Gregório, que refere este sucesso, dá uma grande ideia da virtude e do mérito de Santa Escolástica, dizendo que a vitória naquela piedosa contestação se declarou pela que tinha um amor de Deus mais perfeito e mais forte.

Tendo-se restituído nossa santa no dia seguinte, pela manhã, ao lugar de seu retiro, morreu com a morte dos justos três dias depois.

No instante em que expirou achava-se só São Bento, em sua costumada contemplação. Levantando os olhos, diz São Gregório, viu a alma de sua santa irmã voar ao céu em figura de uma cândida pomba. Então, inundado de alegria à vista da ventura que gozava sua amada Escolástica, deu parte a seus discípulos, e todos renderam ao Senhor humildes e devotas graças. Enviou depois alguns monges para que conduzissem o santo corpo ao Monte Cassino. Mas foi preciso conceder a suas filhas o justo consolo de tributar as últimas honras a sua boa mãe por espaço de três dias, depois dos quais se trasladou aquele precioso tesouro à igreja do mosteiro, e São Bento o fez enterrar na sepultura que tinha destinada para si. Morreu Santa Escolástica pelos anos do Senhor de 543, perto dos sessenta de sua idade.

Esteve o corpo da santa no Monte Cassino até a metade do século sétimo, em que, tendo arruinado os lombardos aquele famoso mosteiro, foram trasladadas a Le Mans as preciosas relíquias, onde são honradas com extraordinária devoção. No ano de 1562 apoderaram-se os huguenotes da cidade de Le Mans; mataram desumanamente os sacerdotes, puseram fogo às igrejas, profanaram os vasos sagrados, levaram as arcas, caixas e relicários preciosos, depois de ter lançado fora as relíquias e, quando iam lançar as mãos às de Santa Escolástica para queimá-las, apoderou-se deles um terror pânico que os obrigou a fugir precipitadamente, sem que nunca se tenha podido descobrir o motivo. Esta inesperada fuga verificou-se na véspera da festa da trasladação de nossa santa e atribuiu-se geralmente a sua poderosa e singular proteção, o que contribuiu não pouco para aumentar a devoção dos povos.

Martirológio Romano

No Monte Cassino, Santa Escolástica, virgem, irmã de São Bento, abade, o qual viu a alma desta santa separar-se do corpo em figura de pomba e voar ao céu.

Em Roma, os santos mártires Zótico, Ireneu, Jacinto e Amâncio.

Ali mesmo, na via Lavicana, dez soldados mártires.

Em Roma também, sobre a via Ápia, Santa Sotera, virgem e mártir, a qual, como escreveu Santo Ambrósio, sendo de nobre prosápia, menosprezou por amor de Jesus Cristo os consulados e prefeituras de seus antepassados. Tendo recusado oferecer incenso aos ídolos, foi longo tempo e asperamente esbofeteada; por fim, depois de sofrer outros tormentos, tendo-lhe sido cortada a cabeça, voou com alegria a reunir-se a seu esposo no céu.

Na Campânia, São Silvano, bispo e confessor.

Em Malavalle, perto de Siena, na Toscana, São Guilherme, eremita.

Numa vila da diocese de Rouen (Pavilly), Santa Austreberta, virgem, célebre por seus milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi nos, Deus salutaris noster: ut sicut de beatæ Scholasticæ virginis tuæ festivitate gaudemus, ita piæ devotionis erudiamur affectu: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que sois nossa salvação, ouvi benignamente nossas orações, para que, assim como celebramos com gozo a festividade de vossa virgem Santa Escolástica, assim consigamos o fervor de uma devoção piedosa: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é dos capítulos 10 e 11 da segunda de São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 10,17-18; 11,1-2

> **Latim:** [17] Qui autem gloriatur, in Domino glorietur. [18] Non enim qui seipsum commendat, ille probatus est : sed quem Deus commendat. [1] Utinam sustineretis modicum quid insipientiæ meæ, sed et supportare me : [2] æmulor enim vos Dei æmulatione. Despondi enim vos uni viro, virginem castam exhibere Christo.

Português: [17] Aquelle pois, que se gloria, glorie-se no Senhor. [18] Porque não he o que a si mesmo se recommenda, o que he estimavel : mas he sim aquelle, a quem Deos recommenda. [1] OXALÁ que supportasseis por hum pouco a minha insipiciencia, mas em fim tolerai-me: [2] porque vos zelo com zelo de Deos. Por quanto eu vos tenho desposado com Christo, para vos apresentar como virgem pura ao unico esposo.

Nota

«Tendo chegado à notícia de São Paulo que havia em Corinto certos falsos apóstolos (eram os judeus batizados, que procuravam desacreditar o santo apóstolo no conceito dos simples, para fomentar a divisão que haviam causado na igreja daquela cidade), resolveu escrever esta segunda carta, na qual se viu obrigado a dar provas sensíveis de seu verdadeiro apostolado para confundir aqueles enganosos embusteiros. Escreveu-a no ano 57 da encarnação de Cristo.»

Reflexões

De que podemos gloriar-nos? Que somos? Que temos nós que não nos humilhe poderosamente? Corrupção no coração, trevas no entendimento, misérias no corpo. Que inclinação mais rápida, mais veemente a todo o mau? Que dificuldade em converter-se ao bom? Que manancial inesgotável de misérias? De que pode ensoberbecer-se o pó e a cinza, diz o Sábio, tendo sido criados do abismo do nada? Que achamos em nossa origem que possa lisonjear nosso orgulho? E, se nos olhamos mais de perto, encontrar-nos-emos porventura menos desprezíveis? Bom Deus! Que pode achar o homem dentro de si mesmo que o lisonjeie?

Suas paixões o tiranizam, seu espírito o atormenta, seu amor-próprio zomba dele, encontra seu suplício dentro de seu mesmo coração. Nem há que buscar motivos mais reais de glória vã na diferença das condições. O nascimento e a morte dos maiores príncipes em que se distingue da morte e do nascimento do homem mais vil e mais humilde? E na verdade, de que podemos gloriar-nos? É acaso desse espírito, desse engenho brilhante, de cuja posse nos fazemos tanta mercê? Os demônios têm mais que nós e, além disso, fomos nós os artífices da delicadeza de nossos órgãos? Ah, que um acidente, uma febre basta para embotar o engenho mais agudo. É acaso dessa classe um pouco mais elevada, desse trem um pouco mais magnífico, desse esplendor que nos rodeia, desses grandes bens de fortuna que muito em breve hão de passar a outras mãos? Ah, que todas essas exterioridades que deslumbram, todos esses ostentosos aparatos da vaidade são títulos postiços que caem muito por fora, que não produzem nem um só grau de verdadeiro mérito, de sorte que, falando em todo o rigor, não somos grandes, suntuosos, ricos, senão por via de empréstimo. Apascentamo-nos com a ideia de um mérito imaginário, que em realidade não é mais que uma formosa ilusão de nosso amor-próprio e de nosso orgulho. Mas quero supor que possuamos alguma prenda apreciável, algum talento: seria este motivo para termo-nos por mais, para envaidecer-nos? Que tens, diz o Apóstolo, que não o tenhas recebido? E, se o tens, de que te glorias como se fosse colheita tua e como se não to tivessem dado graciosamente? Que glória mais falsa que a que se funda no que está fora de nós e no que não há de ser nosso por toda a eternidade? Se nos queremos gloriar, gloriemo-nos no Senhor, não só atribuindo-lhe toda a glória do bem que fazemos por sua graça, mas estando muito persuadidos de que não há glória verdadeira senão a que nasce da virtude; qualquer outra, tenha a cor ou tenha o brilho que se quiser, não é mais que um fantasma, uma aparência de glória. Pois quem se gloria, glorie-se de ser servo de Deus. Teme a Deus, diz o Sábio, e guarda seus mandamentos, que essa é a verdadeira

glória, esse é o verdadeiro mérito, isso é todo o homem. Louvar-se alguém a si mesmo, vaidade néscia, prova evidente de um cortíssimo mérito e de um entendimento ainda mais curto. Os louvores que os outros nos dão não são menos vãos; a lisonja acompanha o interesse e a simulação a lisonja, além de que este incenso não produz mais que fumo. Desenganemo-nos: nem temos outro mérito, nem somos dignos de outro louvor, senão enquanto somos agradáveis aos olhos do Senhor.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus e é o mesmo do dia 9.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** [1] Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. [2] Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : [3] sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : [4] prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. [5] Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. [6] Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. [7] Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. [8] Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. [9] Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. [10] Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. [11] Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. [12] At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. [13] Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: [1] ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. [2] Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: [3] as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: [4] mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. [5] E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. [6] Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. [7] Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. [8] E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. [9] Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. [10] E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. [11] E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. [12] Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos

digo que vos não conheço. [13] Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que o reino dos céus se compara às virgens, para dar-nos a entender a indispensável necessidade que tem todo cristão de viver uma vida pura. Não se há de crer que a pureza é uma virtude de mero conselho: é de rigoroso preceito, e pode-se acrescentar que é como a base, como o alicerce de todas as demais virtudes. A caridade se apaga, a humildade desaparece, a devoção se evapora, até a mesma fé vacila quando falta a pureza. Ela dá um belo e novo lustre a todas as virtudes; como, ao contrário, todas as desluz, todas as tisna a menor mancha que receba a alma: compreende por aqui a necessidade e o mérito desta inestimável virtude.

Ainda que tivesses amontoado tesouros infinitos de graças e de merecimentos; ainda que possuísses o dom de fazer milagres: a perda da pureza arrasta atrás de si a perda de todas as graças, tudo cai com esta formosíssima flor. Não se compraz Deus senão com as almas puras, a menor mancha ofende sua vista. Bem-aventurados os limpos de coração, diz o Salvador do mundo, porque eles verão a Deus.

Nem todos podem dar esmola nem fazer grandes penitências; mas todos, sejam quais forem, podem e devem ser castos. Não se concedeu a todos os cristãos o dom da virgindade; mas a castidade há de ser indispensavelmente a virtude mais favorecida, a mais amada de todos os cristãos. Nosso divino Salvador, que sofreu que se vomitassem contra sua sagrada pessoa as mais feias calúnias, que o tratassem de embusteiro, de ímpio, de blasfemo, foi tão zeloso da honra de sua pureza que neste ponto não permitiu a seus inimigos que nem sequer levemente o tocassem. Olha Deus com extraordinária ternura as almas castas; a elas só se comunica, e pode-se dizer que de ordinário a medida das graças se proporciona à perfeição da pureza. São João é puro, é virgem; por isso goza o privilégio de descansar no peito, no coração de Jesus Cristo.

Ó meu Deus! Conhece-se hoje o preço de uma virtude tão necessária e tão rara? E por ventura se ignora que nenhuma coisa manchada entrará jamais no reino dos céus?

Não sabes, diz o Apóstolo, que teu corpo é templo do Espírito Santo que habita em ti? Pois, se alguém tem atrevimento para profanar o templo de Deus, ele o fará perecer, porque o templo de Deus é santo, e tu mesmo és esse templo. Ah, Senhor! Entende-se, crê-se hoje esta doutrina? Pratica-se esta moral? É a pureza a que caracteriza os costumes e a vida dos cristãos? Meu Deus, e quantas reflexões nascem destas reflexões! Não permitais, Senhor, que sejam para maior confusão minha.

Segundo ponto

Considera que esta inestimável virtude é tão delicada como preciosa e que, se merece nosso apreço, não pede menos toda a nossa atenção.

É a pureza um tesouro que, como diz São Paulo, levamos em vasos frágeis e quebradiços. Basta um tropeço para cair, para fazer pedaços estes vasos e para perder este tesouro. Com que tento caminharia um homem que se visse obrigado a conduzir um rico tesouro em vasos de vidro por precipícios, por despenhadeiros, por caminhos perigosos e escorregadios? Deveremos nós caminhar com menos tento?

Não há virtude tão delicada, nenhuma mais exposta, nenhuma tem tantos inimigos. Poucos objetos se apresentam, poucas conversações se ouvem que não sejam outros tantos laços que o demônio nos arma. Se não velamos continuamente sobre nós mesmos, se não observamos todos os nossos movimentos, daremos tantas quedas como passos. Nossos sentidos estão de inteligência com o inimigo; nosso próprio coração nos faz traição; nosso espírito a cada instante move uma sedição e se amotina. O ar do mundo resseca a pureza, como o vento forte e seco murcha as flores. Nem o retiro só serve de abrigo, nem sequer o deserto é asilo seguro; sempre levamos conosco mesmos o inimigo que nos quer perder. Se não velamos eternamente e se não oramos sem cessar, se não se está sempre alerta e sobre aviso contra tantos atrativos; se não se debilitam as forças do inimigo com a mortificação dos sentidos e com as penitências corporais; se não se cobra novo vigor e não se afiam as armas com a frequência dos sacramentos; se não se foge cuidadosamente dos escolhos e dos perigos; se não se vive com retiro, com modéstia e com circunspecção cristã, não poderemos deixar de ser vencidos. Pois que esperem os que não se valem destas precauções e não se servem destas armas?

Essas pessoas mundanas eternamente expostas, sem o menor preservativo, ao ar mais contagioso; essas pessoas imortificadas que não sabem negar o mais mínimo gosto a seus sentidos; esses homens, essas mulheres do grande mundo que passam seus dias numa delicada ociosidade, que fazem profissão de ser pouco devotas e, por conseguinte, pouco cristãs; essas gentes que se desviam dos sacramentos, têm uma vida muito inocente e muito pura? Se isso é assim, não é menor milagre que o de Daniel, metido toda uma noite no lago dos leões sem ser despedaçado; não é menor maravilha que a dos três mancebos israelitas em meio das chamas do forno sem que lhes tocassem num cabelo. Ah, Senhor! Este voluntário atoleimamento no perigo não será acaso para perecer nele com menos susto, com menos remorso?

Não permitais, divino Salvador meu, que me suceda esta desdita. Conheço o mérito e a importância desta delicada virtude, não ignoro os perigos e estou resolvido a tomar todas as precauções para não cair nos laços; mas, com tudo isso, só conto com vossa graça, a qual peço com confiança e espero de vossa infinita bondade.

Jaculatórias

> *Cor mundum crea in me, Deus, et spiritum rectum innova in visceribus meis.* Sl 50.

Criai, meu Deus, em mim um coração limpo e puro; renovai em minhas entranhas um espírito reto, sem o qual é impossível agradar-vos.

> *Beati mundo corde, quoniam ipsi Deum videbunt.* Mt 5.

Bem-aventurados os limpos e castos de coração, porque eles verão a Deus.

Propósitos

1. É a pureza uma virtude tão delicada que não pode estar exposta por muito tempo sem perigo. O retiro a guarda, a modéstia a conserva e a frugalidade a nutre. É aquele lírio que só cresce nos vales; é aquela rosa a quem defendem os espinhos; é aquela preciosa terna flor que com um leve sopro murcha. Que cuidados não merece? Que precauções não é preciso tomar? Queres conservar este tesouro? Pois não o exponhas demasiado. Os grandes concursos do mundo, as diversões, os espetáculos profanos são os famosos escolhos da inocência e da castidade. Esta virtude dura pouco no bulício do mundo e não se deixa ver nele senão para perecer. O pudor e a circunspecção são como as muralhas da pureza; a menor brecha que se abra nelas arruína a praça. Queres, pois, guardar esta preciosa e delicada virtude? Pois observa inviolavelmente as leis seguintes. Primeira: Sê modesto escrupulosamente e jamais te dispenses nesta lei com qualquer pretexto que seja; só ou acompanhado, em particular ou em público, guarda todas as regras da mais exata modéstia. Do bem-aventurado São Luís Gonzaga se refere que já desde menino foi tão extremamente delicado nesta virtude, especialmente quando se vestia ou despia, que, assistindo-lhe sempre grande número de criados, nenhum deles o viu jamais nem sequer a ponta do pé descalço. Segunda: Ainda que a extravagância das modas tenha hoje tanto império sobre o espírito e sobre o coração dos mundanos, guarda-te bem de seguir as que podem vulnerar a modéstia cristã. Raras vezes deixará de ser escandalosa numa mulher a estudada nudez de peitos; nunca sofras em tua família esta licença. É inconsideração nada desculpável permiti-la até nas meninas, com pretexto de que são jovens; isso é acostumá-las à imodéstia desde o berço. Terceira: A nudez das pinturas é um veneno sutil que entra pelos olhos e penetra até o coração. Não toleres em tua casa pintura alguma indecente; examina bem todos os retratos, registra hoje mesmo cuidadosamente todos os quadros e, ainda que sejam do maior preço, ainda que sejam originais, ou lança-os ao fogo ou faze cobrir prontamente tudo o que pode ofender a modéstia. Não te é lícito guardá-los de outra maneira, nem podes dá-los a outro sem pecar. Quarta: Todo livro que trata de galanteios é pernicioso; todas essas novelas, todos esses contos, todas essas cartas, todas essas poesias, todos esses romances amorosos são inimigos mortais da inocência e da castidade. Olha com todo o cuidado se se acham alguns em tua casa e, quer sejam teus, quer sejam alheios, entrega-os ao

fogo antes que se passe este dia. Que crueldade tão ímpia é deixar que passe a mãos de outros o que pode perdê-los e condená-los!

2. Não basta desviar de ti nem afastar-te tu de tudo o que pode lastimar a pureza; é preciso cultivar com cuidado tudo o que a nutre, tudo o que a aperfeiçoa. Primeiro: o vício contrário a esta virtude é o vício ordinário das almas orgulhosas e soberbas; sê manso, sê aprazível, sê humilde, e conservarás puro o coração. Segundo: a castidade é uma virtude tão preciosa, tão necessária a todo gênero de pessoas, que incessantemente se deve estar pedindo a Deus que no-la conceda. Faze todos os dias alguma oração particular para consegui-la, como, por exemplo, a seguinte:

«Dai-me, ó Senhor da pureza, dai-me graça para conservar toda a minha vida esta preciosa virtude; fazei que de tal sorte regule minha imaginação, que tenha tão sob rédea meus sentidos, que me desvie com tanto cuidado de todas as ocasiões, que olhe com tanto horror tudo quanto possa manchar meu corpo e alma, enfim, que neste ponto tenha uma consciência tão delicada que nada possa tisnar em mim esta virtude inestimável.»

3. Professa uma particular devoção à Rainha das virgens: Maria é mãe da pureza e consegue infalivelmente esta virtude aos que a amam com ternura e a servem com fidelidade.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:47 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:47 by Admin